

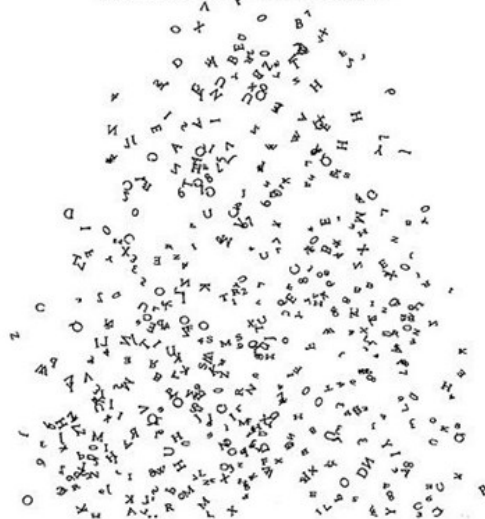
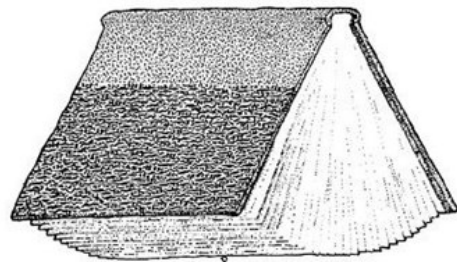
Incomoda-me profundamente esta ideia de que a sociedade precisa de ser protegida de algumas palavras e da sua própria história. Incomoda-me que, de repente, estejamos rodeados por movimentos que, de forma indirecta, nos consideram incapazes de pensar ou de manifestar sentido crítico. E incomoda-me ainda mais que não se trace claramente uma linha que diga que o revisionismo histórico é coisa de Ministério da Verdade. Já agora, por falar nisso, acho que vou encerrar o 1984 no cofre também.

O que se pretende fazer com os livros de Roald Dahl não é torná-los mais inclusivos, é censurá-los. (...)

E sabem quem perde? Os leitores do mundo inteiro que vão deixar de poder reagir aos livros da forma como foram originalmente pensados e terão de passar a ler versões distorcidas e descontextualizadas da época em que foram escritos.

Alguns dos maiores génios literários da história viveram em períodos de moral questionável aos olhos do século XXI. Outros, como fiz questão de aqui referir, estavam longe de ser boas pessoas. Mas todos eles foram geniais na sua escrita. Tentar corrigir aquilo que eram, viveram e fizeram é um exercício de revisionismo histórico tão perigoso como ridículo.

O Homem que somos é resultado de um longo processo evolutivo, tal como aprenderam os meus filhos no Portugal dos Pequenitos. E seguramente nenhum de nós considerou eliminar do esquema visual a figura do nosso antepassado comum com o chimpanzé. Mas de cada vez que permitimos que um clássico da literatura seja alterado é isso que fazemos: eliminamos o primata que fomos e substituímo-lo pelo que achamos que devíamos ter sido. Um dia destes vamos deixar de saber qual das duas versões é a verdadeira.



semana da leitura 2023

todos a ler
10.30h/11.00h
30 de março

Carmen Garcia, jornal *Público*, 26 de fevereiro de 2023



ESCOLA SECUNDÁRIA
José Régio
VILA DO CONDE

O Ministério da Verdade

Há umas semanas, fui com os meus filhos ao Portugal dos Pequenitos e, no pavilhão de Moçambique, na parte mais recente do recinto, dei com eles maravilhados em frente a uma parede que dizia qualquer coisa como “África, berço do mundo” e que mostrava uma imagem em tamanho real da evolução do homem.

– Porque é que o chimpanzé se está a transformar em homem, mãe? – perguntou o Pedro que está há dois anos encravado na idade dos porquês.

– O chimpanzé não se transformou em homem, filho. O que acontece é que temos um antepassado comum com os chimpanzés que se foi modificando de duas formas diferentes: uma delas deu origem aos chimpanzés e a outra deu origem aos seres humanos. Se reparares, nós somos um bocadinho parecidos com os chimpanzés – respondi, tentando resistir à tentação de dizer a uma criança de seis anos que essas parecenças correspondem a 99% dos nossos genes.

Acontece que o Pedro ficou a remoer sobre o assunto e acabámos por ter uma conversa sobre a evolução do homem.

Falámos da descoberta do fogo, da roda, mas também de valores e princípios. E como a dividir o Portugal dos Pequenitos está um Infante D. Henrique em pedra ao lado de um planisfério que assinala os países onde Portugal chegou por via marítima, aproveitei para lhe dizer que hoje temos um código moral muito diferente dos homens daquela época. Falei-lhe da escravatura, dos direitos das mulheres, da forma como eram vistas as pessoas com deficiência e a nossa conversa só terminou quando, no pavilhão de São Tomé e Príncipe, o interesse dele foi roubado pelo cacau e pelo processo de fabrico do chocolate. Prioridades de criança, pois claro.

Mas conto-vos este episódio porque esta semana, ao ler as notícias, percebi que alguns adultos deste mundo precisam urgentemente de visitar o Portugal dos Pequenitos. Não para entrarem naquelas casinhas minúsculas com ditos salazaristas pregados em azulejos nas pare-

des, mas para recordarem que o mundo e o homem evoluíram e que não podemos olhar para a História e julgar os seus protagonistas com os nossos olhos de 2023. E aqui não me refiro apenas à história remota, mas também à mais recente. Essa história mais recente, tão bem retratada em inúmeras obras literárias que, agora, a todo o custo, tentamos adaptar e tornar politicamente correctas.

Antes de chegar ao ponto que me fez escrever esta crónica, deixem-me só referir uma frase que, sendo chavão, não deixa de ser importante: homens maus também fazem coisas boas. Pablo Neruda, por exemplo, poeta que cantou incansavelmente o amor, é o mesmo homem que virou costas à filha nascida com hidrocefalia, e que, numa carta a uma amante, se referiu a ela como “um ser extremamente ridículo, uma espécie de ponto e vírgula”. (...)

O homem pelo qual escrevo e que, do lado de lá da cortina que separa os vivos e os mortos, viu nas últimas semanas as suas obras infantis sofrerem uma alteração da linguagem para as tornar politicamente correctas: Roald Dahl, (autor de *Charlie e a Fábrica de chocolate*).

Sendo um homem pouco consensual e assumidamente antissemita, representou, nos seus livros, vários personagens de uma forma estereotipada e racista. Mesmo os seus contos infantis estão cheios de comentários mordazes e humor negro. Mas daí até lhe alterarmos as palavras parece-me que existe todo um longo caminho.

Nos livros infantis do autor, nas novas edições, a palavra “gordo” será substituído por “enorme” e a Sra. Peste deixa de ser “feia”. Os “oompa loompas” deixarão de ser descritos como “pequenos homens” e passarão a ser referidos como “pequenas pessoas”. E eu, se fosse Roald Dahl, atravessava a cortina e vinha assombrar todos os responsáveis por essas alterações.

O autor está morto. E ninguém deveria achar-se no direito de lhe alterar a obra. Mais ou menos simpática, mais ou menos de acordo com a moral vigente, deve permanecer da forma como foi originalmente escrita. Parece-me bem perigosa esta ideia de começar a alterar clássicos da literatura (...)